

## REPRESENTAÇÕES DO PENSAMENTO ABISSAL EM *CINZAS DO NORTE*, DE MILTON HATOUM

Representations of abyssal thought in *Cinzas do Norte*, by Milton Hatoum

Guilherme Pires de Souza<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0001-9303-3746> 

Juciane dos Santos Cavalheiro<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-5845-8079> 

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0963-6577> 

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, AM,  
Brasil. 69010-170 – sec-ppgla@uea.edu.br

**Resumo:** O presente trabalho busca investigar a presença de uma crítica a certo paradigma de racionalidade determinado pela dinâmica de apropriação/violência e pelas lógicas de produção de não existência subjacente ao romance *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. Para esse fim articulamos uma caracterização da obra do autor fundamentada em uma seleção de trabalhos de sua fortuna crítica com os estudos de Boaventura de Sousa Santos (2002a, 2002b, 2007), especificamente aqueles que tratam dos conceitos de razão metonímica e pensamento abissal como determinantes na maneira como aquela racionalidade produz um campo dominante de existência. O esforço interpretativo do texto se realiza na reflexão sobre a representação de duas personagens do romance, Trajano Mattoso e Coronel Zanda, e da tardo modernidade na cidade de Manaus, desvelada através da trajetória do protagonista Raimundo Mattoso. A representação e desvelamento constituem, a nosso ver, uma perspectiva crítica do autor em relação à modernidade e suas transformações na cidade de Manaus e na Amazônia retratadas no romance.

**Palavras-chave:** Milton Hatoum; *Cinzas do Norte*; pensamento abissal; razão metonímica.

**Abstract:** The present paper aims to investigate the presence of a critique of a certain rationality paradigm determined by the dynamics of appropriation/violence and the logic of production of non-existence underlying the novel *Cinzas do Norte*, by Milton Hatoum. We articulate, in this endeavor, a brief characterization of the author's work with the studies of portuguese intellectual Boaventura de Sousa Santos (2002a, 2002b, 2007), specifically those that concern the concepts of metonymic reason and abyssal thought as determinants in the way that type of rationality produces a dominant field of existence. The interpretative aspect of the text realizes itself in a discussion regarding the representation of two characters in the novel, Trajano Mattoso and Colonel Zanda, and that of late modernity in the city of Manaus, unveiled through the trajectory of the novel's protagonist Raimundo Mattoso. That representation and unveiling constitute, in our view, the underlying critique of modernity and its transformations in the city of Manaus and the Amazon depicted in the novel.

**Keywords:** Milton Hatoum; *Cinzas do Norte*; abyssal thought, metonymic reason.

A pretensão desse trabalho é elucidar uma dimensão crítica do texto de Milton Hatoum pelo desvelamento do campo dominante de poder presente na narrativa de seu terceiro romance *Cinzas do Norte*, nas representações das personagens Trajano Mattoso e Coronel Zanda, caracterizando-o como constituído de certo paradigma moderno de racionalidade. Complementar, assim, a interpretação de um aspecto da ficção de Milton Hatoum, a partir de determinada teoria filosófico-sociológica capaz de entender a racionalidade subjacente nas ações e transformações observadas no romance, discutindo-as dentro da própria dinâmica do texto.

Dayane Gonçalves (2020), em sua dissertação *Traços poéticos da ficção de Milton Hatoum*, delineou uma poética do escritor e verificou, em seus três primeiros romances – *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005) –, eixos narrativos determinantes: a tessitura memorialista, o gesto literário de um narrador e uma ética dos fragmentos na construção da narrativa. Essa tessitura:

no âmbito da construção ficcional, ficcionaliza uma escrita íntima e memorialista que é local enunciativo de um “eu” – ainda que, para isso, este sirva-se, em conjunto, de vozes de muitos “outros” e ainda que o objetivo dessa escrita não seja propriamente dizer sobre si (Gonçalves, 2020, p. 34).

Perpassando a estrutura da narrativa, ela articula uma memória individual e coletiva, tornando singulares nas personagens dos romances uma gama maior de outras experiências típicas da cidade de Manaus e da região do Amazonas no período histórico que essas obras compreendem. O gesto e a ética de fragmentos estão interligados na construção do narrador que resgata aquelas memórias nas ruínas de um passado redescoberto no presente dentro de um projeto meta-literário inserido no próprio romance. Essas ruínas traduzem tanto o caráter fragmentado, incompleto e disperso de um passado individual quanto as transformações da região no século XX. A tentativa de resgate, ademais, passeia pelos fragmentos na busca de (res)significá-los.

Em *Relato de um certo oriente*, por exemplo, são as memórias de uma família de imigrantes de ascendência libanesa que se interrelacionam desde sua saída do Líbano até sua chegada em Manaus, com foco nos aspectos de sua vida cotidiana, nas suas relações sociais e culturais, bem como na sua condição de imigrante. Na obra *Dois irmãos*, a memória, recuperada a partir de Nael, é aquela centrada em torno de Omar e Yakub e das relações dentro de semelhante ambiente, outra família de imigrantes libaneses. A narrativa, situada em Manaus, do início do século XX até meados do regime militar, aborda o crescimento dos irmãos, seus embates, ecoando a transformação da cidade e do país à moda do *Esaú e Jacó* machadiano.

No seu terceiro romance, *Cinzas do Norte*, o autor sai dos núcleos familiares libaneses e se detém na família Mattoso. Nele, Olavo reencontra, em um impulso da “força de um fogo escondido pela infância e pela juventude” (Hatoum, 2010, p. 7), a memória de seu amigo Raimundo Mattoso. O amadurecimento do homem e do artista, sua revolta e desvio dos desígnios familiares, surge, vinte anos depois, como oportunidade de resgate



do passado fragmentado e perdido de uma geração na Manaus de fins do século XX.

Alguns outros pormenores desse complexo ficcional podem ser delineados a partir de uma entrevista dada ao jornal Folha de São Paulo em que Milton Hatoum comenta:

Manaus sempre foi uma cidade ao mesmo tempo cosmopolita e bastante provinciana, por seu isolamento geográfico. [...] A província é um palco. Ali estão os loucos, os adúlteros, os assassinos, os corruptos, os bandidos. A província é a metonímia de um grande teatro. E isso é o ideal para quem quer construir personagens. [...] A família sempre foi um dos núcleos dramáticos do romance. [...] É o ponto de partida para uma rede de subtemas que o romance insinua: políticos, históricos, urbanos. E é a primeira grande convenção. E também o núcleo menor de uma convenção maior, de um regimento. Minha ideia é penetrar em questões locais, em dramas familiares, e dar um alcance universal para elas. O assunto, a matéria, não são garantia da boa narrativa. O que vale é a fartura da linguagem, a forma. (Hatoum, 2005).

A noção do espaço geopolítico Amazonas/Manaus encerrado em uma contradição entre um aspecto provinciano e outro cosmopolita é importante para aprofundar a compreensão de parte da ficção de Milton Hatoum. Uma região desconectada geográfica, econômica e culturalmente do resto do país que, apesar disso, esteve inserida nos grandes momentos de suas transformações. Por exemplo, da considerável e variada migração que passou pela capital durante os anos do ciclo econômico da borracha silvestre, o contraditório embate entre natureza e civilização nas expansões provocadas pelo regime militar até a consolidação da Zona Franca e seus impactos urbanos e socioeconômicos. É importante também identificar como o autor usa os núcleos familiares e suas relações como motores de sua narrativa, os infundindo de tensão e conflito. Eles funcionam, nas palavras do próprio escritor, como microcosmo de toda uma rede de subtemas, nos quais suas ações e transformações reverberam aquelas do espaço manauara.

A influência de elementos da cultura árabe está presente na sua ficção, como bem demonstrado por Alberto Sismondini em seu texto *Arabia Brasilica* (2017). Milton Hatoum, através de sua herança libanesa, conecta dois espaços histórico-geográficos em suas narrativas: o Líbano, inserido em processos de ocidentalização e modernização, com foco a partir de figuras migrantes; e Manaus, ainda se inserindo nas transformações de um país como uma região periférica. Essa conexão também é temática, sobretudo nos seus dois primeiros romances, na influência exercida pelos textos clássicos das *Mil e uma noites*. Em *Relato de um certo Oriente* vemos a estrutura de oralidades conectadas – ainda que em um gesto de compilação por um terceiro, como observado no final do texto, legatária das histórias interconectadas e contadas por Sherazade. Em *Dois Irmãos* observamos um texto de prosa bastante intensa, tangenciando temas de violência, morte, abandono, exílio e impulsos incestuosos. Aspectos, esses, que também povoam as histórias das *Mil e uma noites* (Sismondini, 2017).

É notável também o diálogo com Euclides da Cunha na construção da percepção do espaço amazônico presente nas narrativas de Milton Hatoum. Em seu texto *A dois passos*



*do Deserto: visões urbanas de Euclides*, ele afirma em conclusão: “o olhar de Euclides sobre as duas grandes cidades da Amazônia está longe de ser turvo ou ingênuo. Em Manaus ainda hoje se encontram, de uma forma muito mais ostensiva, os restos da sociedade nativa entre “as roupagens civilizadoras” (Hatoum, 2000, p. 94).

O ensaio, uma breve crítica de um compilado de cartas do autor de *Os Sertões*, confirma a influência da sua obra na do autor de *Cinzas do Norte*. Bruno Leal (2010) em seu trabalho *Nas trilhas de Milton Hatoum*, ao discutir esse ponto, diz que Euclides é um dos fundadores de um discurso específico sobre a Amazônia. Um olhar calcado na contradição entre cosmopolitismo e provincianismo, entre cidade e natureza, em uma modernização incipiente que, quando desdobrada nos romances Hatoum, já se apresenta como incompleta e destrutiva. Caracterizando essa ficção, Leal (2010) reafirma a relação entre os dois autores identificando que, ainda que o escritor manauara se distancie de certo olhar regionalista e determinista presente em Euclides, ele continua problematizador das questões da Amazônia que já interessavam ao outro. E o faz com um olhar permeado por certo travo melancólico que identifica as ruínas da narrativa com a história da região.

Tal característica aparece presente no seu terceiro romance, *Cinzas do Norte*. De tal maneira que o autor o descreve da seguinte forma:

Cinzas do Norte é uma espécie de educação sentimental. É meu livro mais flaubertiano nesse sentido. É um romance da desilusão, sobretudo. Não sobra nada. É, de longe, a coisa mais amarga que eu já escrevi. Tudo termina em cinzas: a cidade, as vidas, os personagens. É um romance da dissipação, dessas vidas que se esvaem. Tudo conflui para o trágico. Salvo a literatura. (Hatoum, 2005).

Júlio Pimentel Pinto (2024), em seu texto *Sobre Literatura e História*, identifica no terceiro romance do autor aquela tensão fundamental da sua poética que consiste em intervir no presente em ruínas com uma reorganização do passado (memória) em fragmentos na tentativa de os ressignificar individual e coletivamente. E a identifica especialmente na maneira que o romance, em distinção das outras obras, reverbera essa mesma tensão na trajetória artística de Raimundo Mattoso. Aquele passado fragmentado, em cinzas, é reestruturado pelo narrador do texto (Olavo) em sua atividade de rememoração e reescrita final, aludida no trecho daquela entrevista em que o autor fala que tudo se esvai menos a literatura. Na obra isso fica evidente no seguinte trecho, já no final:

Passado algum tempo, quando o primeiro presidente civil ia tomar posse, fui visitar tio Ran. (...) Ranulfo estava só de calção, sentado diante de uma mesinha, batendo com a ponta de um lápis num calhamaço. Perguntei o que estava escrevendo. “O relato sobre Mundo...”, disse, triste mas orgulhoso. “Histórias...a minha, de Mundo e do meu amor, Alícia”. (...) Antes de uma viagem ao rio Negro, ele me entregou o manuscrito, dizendo com ansiedade: “Publica logo o relato que escrevi. Publica com todas as letras...em homenagem à memória de Alícia e de Mundo”. Atendi ao pedido de meu tio, mas não com a urgência exigida por ele – esperei muito tempo. Como epílogo, acrescentei a carta que Mundo me escreveu, antes do fim. (Hatoum, 2010, p. 224-225).



A vida de Raimundo Mattoso é, portanto, a peça central dessa memória. É pela relação dos dois (Olavo e Mundo) que se desvela os conflitos das relações familiares, típicos do microcosmo familiar dessas primeiras obras de Hatoum. Se nos detivermos nas relações estabelecidas pela família Mattoso, identificaremos uma série de tensões entre os vínculos estabelecidos pelas personagens dentro e fora da família. Alguns exemplos são a origem de Trajano, de Alcília e sua irmã e a questão da paternidade de Mundo. Destacamos como determinantes aquelas de conflito estabelecidas por Mundo na sua rejeição e revolta contra Trajano, seu pai, e contra a figura do Coronel Zanda.

Na leitura do romance é possível perceber que Mundo, em sua progressiva tomada de consciência, se distancia do espaço familiar em busca de afirmar e contestar sua identidade. Essa procura o conduz a um deslocamento errante por espaços e experiências marginalizados dentro de Manaus, aqueles invisibilizados pelas figuras de poder na narrativa. Esse movimento delinea muito bem dois campos de existência e experiência distintos na Manaus que Raimundo Mattoso vive.

A distinção desses campos fica clara na leitura da dissertação – *A representação metafórica das relações sociais em Cinzas do Norte, de Milton Hatoum* –, de Iracema Martins (2018). A autora utiliza a metáfora do fermento orgânico, empregada pelo crítico Antonio Candido em um de seus artigos no livro *Literatura e Sociedade*. Ela entrelaça literatura e sociologia, refletindo sobre os fatores que originam e constituem um romance. Martins (2019), em consonância com o crítico, afirma que um movimento de crítica literária adequado é aquele que articula, na autonomia da obra, múltiplas fontes, dos impulsos subjetivos do autor, passando pelos padrões estéticos consolidados até o momento histórico-político-cultural que ele experiencia.

Em *Cinzas do Norte* esse fermento orgânico toma como base a segunda metade do século XX, a experiência vivida em Manaus ocupada pelo regime ditatorial militar. Direcionando, então, o olhar do leitor ao confrontar o que foi o passado da capital amazonense com a Manaus contemporânea ainda sob efeito das consequências daquela época. Em um processo subsequente de representação metafórica, é compreendido como tanto Trajano Mattoso e o Coronel Zanda são personagens construídas para, dentro da dinâmica das ações do texto, representarem duas dimensões de poder que são confrontadas por Mundo. A identidade de Jano é baseada em um modelo patriarcal de relação pai e filho, na qual ele ocupa uma posição de domínio. Coronel Zanda representa o polo burocrático-militar de poder, dominante durante o regime de 64 em Manaus (Martins, 2019). De tal sorte que:

A escolha do momento contextualizado em *Cinzas do Norte*, obviamente, não tem a pretensão de ser uma mera repetição ficcional do que se viveu durante a opressão de 64, tampouco ecoar como um discurso revolucionário do autor, mas sim cumprir com a premissa literária de desencadear a reflexão sobre os efeitos de sentido que o leitor capta no texto. A Ditadura Militar, apesar de pano de fundo no romance, traz um projeto ainda mais significativo para a estrutura narrativa, pois é a expressividade desse momento que desencadeia a compreensão do desenvolvimento dos



conflitos das personagens e das relações sociais desencadeadas a partir desse contexto histórico. (Martins, 2019, p. 97).

O campo dominante que engloba as personagens citadas é pautado, a nosso ver, por especificidades típicas de certo paradigma de racionalidade, ou pelo menos algumas de suas dimensões relevantes que foram objeto dos estudos do intelectual português Boaventura de Sousa Santos.

Constatando o esgotamento e a insuficiência das promessas da modernidade, aquelas advindas da expansão capitalista no Ocidente e do conseqüente processo colonial que distinguiu dois espaços no mundo (as metrópoles e colônias), ele identifica o modelo de racionalidade que o constituiu. Esse, Boaventura Santos (2002b) apresenta como um que emergiu naquele recorte histórico especialmente ligado aos desenvolvimentos da revolução científica no campo das ciências naturais e que alcançou, no século XIX, ramificações nas ciências humanas.

É, em seu cerne, uma racionalidade totalizante na medida em que universaliza seus princípios epistemológicos e metodológicos e se conserva excludente a outras formas de conhecimento, sobretudo aquelas que o autor associa ao “senso comum” e às ciências sociais. Boaventura também identifica nesse modelo, no que concerne a sua preferência por um conhecimento pautado na formulação de leis generalizantes, uma perspectiva teleológica de progresso associado ao gradual domínio da natureza e na manutenção da “eficiência” da organização social. Direcionado, em seu fim, ao dominar e transformar o que o autor português chama de “mundo-máquina”. Desse modelo de racionalidade, Boaventura Santos (2002a) distingue o paradigma que ele chama de razão metonímica.

Ele consiste na forma como esse modelo toma a parte pelo todo. Se pretende exaustivo e exclusivo (e, assim, incontornavelmente excludente) na sua compreensão da realidade e opera primariamente de maneira dicotômica (conhecimento científico/conhecimento tradicional; cultura/natureza; civilizado/primitivo; capital/trabalho; branco/negro e afins), hierarquizando indissociavelmente suas categorias (Santos, 2002a). No seu escopo são estruturadas lógicas de produção da não-existência derivadas do que o autor chama de monoculturas da razão moderna.

Esse paradigma de razão estabelecido nas práticas sociais e epistemológicas do Ocidente dialoga com a crítica do autor sobre o conceito de pensamento abissal. Boaventura Santos estabelece as linhas desse pensamento como abissais na maneira como que, constituídas durante o período colonial, separaram o novo mundo da colônia do velho mundo da metrópole, ordenando suas diferenças e estruturando “um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos” (Santos, 2007, p. 3). Subsistindo estruturalmente e permanecendo constitutivo das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo, reproduzindo essa mesma cisão em escalas menores dentro daquele espaço colonial negado.



Essa distinção dicotômica implica a invisibilização intencional do outro, no desaparecimento – para usar um termo recorrente no texto do sociólogo português – da sua “cartografia” intelectual e política. Os invisibilizados são postos em um estado de não existência, suas experiências, conhecimentos e práticas sociais são negadas. Assim, “juntas, estas formas de negação radical produzem uma ausência radical, a ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna.” (Santos, 2007, p. 10).

É relevante, observando a imposição do campo visível sobre o invisível, a caracterização que Boaventura Santos (2007) faz da dinâmica de apropriação/violência como determinante. A apropriação envolveria incorporação e cooptação, enquanto a violência implicaria destruição física, material, cultural e humana. No campo do conhecimento, ela opera pela assimilação e negação perversa de práticas socioculturais. No que concerne à dimensão política do direito:

a tensão entre apropriação e violência é particularmente complexa devido à sua relação directa com a extração de valor: tráfico de escravos e trabalho forçado, uso manipulador do direito e das autoridades tradicionais através do governo indirecto (indirect rule), pilhagem de recursos naturais, deslocação maciça de populações, guerras e tratados desiguais, diferentes formas de apartheid e assimilação forçada etc. (Santos, 2007, p. 9).

Os campos delineados no romance *Cinzas do Norte*, tensionados e explorados pela personagem de Raimundo Mattoso, operam dentro daquela lógica dicotômica, balanceada por dinâmica de poder que impõe uma forma de vida e silencia outras, invalidando-as. E o faz a partir da dinâmica de apropriação/violência e das lógicas de produção da não-existência. No lado dominante é possível perceber, a partir da leitura da obra, que ele é constituído por duas figuras centrais: o pai de Mundo, Trajano Mattoso, e o Coronel Zanda, proeminente figura militar na região. Inicialmente, observemos como as características gerais dos personagens nos remetem àquela dinâmica que determina os espaços abissais.

Trajano representa diretamente os valores daqueles que estão no poder dentro de uma relação pai e filho. Um patriarca clássico que se comporta como “um líder truculento e autoritário, de costumes rudes, severo e de coração duro, muito diligente com sua própria dignidade. Um ser acostumado à violência infligida ou recebida” (Perdigão, 2015, p. 102). Essa violência se manifesta, quando não abertamente física, na forma da rejeição à identidade de Mundo e ao campo invisibilizado que ele desvela, do desprezo de sua sensibilidade humana e artística em favor de uma reificação patriarcal que reforça unilateralmente uma série de valores e estruturas de poder presentes na sociedade retratada na narrativa.

O Coronel Zanda, por outro lado, representa o domínio dos militares na região em uma dimensão político-institucional. Sua capilarização nos órgãos e espaços públicos mais importantes e o ímpeto de ambição predatória, de natureza violenta e exploradora que determinaram sua prática. Imbuído de uma racionalidade portadora de falsas noções civilizatórias de progresso e modernização, ele encabeça um projeto de reforma urbana



exploratório e destrutivo chamado Novo Eldorado. O projeto de Zanda é a materialização representativa dessa personagem no texto. O nome, claramente irônico em sua escolha pelo autor, remete tanto ao mito de riquezas escondidas no espaço amazônico quanto a violência do episódio de Eldorado dos Carajás.

Boaventura Santos distingue cinco lógicas ligadas àquela produção da não existência: monocultura do saber; monocultura do tempo linear; monocultura da naturalização das diferenças; lógica da escala dominante e a monocultura produtivista (Santos, 2002a). Todas trabalham determinadas pela dinâmica da apropriação/violência no sentido da contração do presente, restringindo suas possibilidades, em favor da preservação do cânone. Destacamos as mais relevantes para nossa análise.

A monocultura do tempo linear afirma:

a ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos. Esse sentido e essa direção têm sido formulados de diversas formas nos últimos duzentos anos: progresso, revolução, modernização, desenvolvimento, crescimento, globalização. Esta lógica produz não-existência declarando atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é declarado avançado. (Santos, 2002a, p. 247).

A monocultura da naturalização das diferenças, ou lógica da classificação social, consiste na hierarquização de segmentos sociais a partir de uma dinâmica de poder já instaurada. Essa classificação então é naturalizada dentro da dinâmica social, de tal sorte que “a não-existência é produzida sob a forma de inferioridade insuperável porque natural. Quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa credível a quem é superior.” (Santos, 2002a, p. 247-248).

Na lógica da escala dominante, temos o imperativo do Universal e do Global como escalas possíveis. Assim, formas de racionalidade e práticas sociais necessitam estar inseridas nessa forma de razão, ou só adquirem validade se dentro dessas pretensões totalizantes. Nessa imposição canônica, a não existência é produzida “sob a forma do particular e do local” (Santos, 2002a, p. 248).

A monocultura produtivista impõe que:

o crescimento econômico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que mais bem serve esse objetivo. Esse critério aplica-se tanto à natureza como ao trabalho humano. A natureza produtiva é a natureza maximamente fértil num dado ciclo de produção, enquanto o trabalho produtivo é o trabalho que maximiza a geração de lucros igualmente num dado ciclo de produção. Segundo esta lógica, a não-existência é produzida sobre a forma do improdutivo que, aplicada à natureza, é esterilidade e, aplicada ao trabalho, é preguiça ou desqualificação profissional. (Santos, 2002a, p. 248).

Essas lógicas de monocultura contextualizam as ações dos personagens e a forma específica como se constituem na narrativa no escopo do paradigma da razão metonímica. No personagem de Trajano observamos a presença e o funcionamento dessas lógicas na relação pai/filho em alguns trechos da obra. É recorrente a frustração de Jano com a



distância do filho, sua inadequação para ocupar o posto de herdeiro. Lembremos do episódio da bebedeira de Mundo no barco do Coronel Zanda que termina com ofensas e uma revolta velada à autoridade dos Militares. De tal sorte que Lavo nos conta sobre Trajano: “Disse que não censurara a bebedeira do filho: sempre quisera vê-lo dançar e beber com mulheres. O problema era a revolta...Ele não podia ter insultado os militares” (Hatoum, 2010, p. 50-52). A fuga de Mundo da Vila Amazônia após o encontro com o velho enfermo, seu protesto nos desenhos intitulados “Propriedade do imperador Trajano” culmina com a frustração do pai com o filho que se nega a assumir seu lugar socialmente pré-estabelecido. De tal maneira que sentencia o desejo do filho como “um equívoco” que ele gostaria de presenciar sugerindo que a outra vocação incipiente de Mundo, a revolta, é fruto de uma percepção ingênua que a associa a certa façanha a ser realizada (Hatoum, 2010, p. 64-65). Essa imposição de linearidade patriarcal que a todo momento busca moldar o filho em detrimento de seus genuínos interesses acompanha Trajano desde o nascimento de Mundo. Pensemos na maneira como ele festeja o aniversário do “herdeiro Mattoso” e a forma como o expõe entre “fardos de juta” e outras disposições ligadas ao empreendimento da Vila Amazônia. (Hatoum, 2010, p. 162).

Na carta de Ranulfo, em que este fala do Raimundo de cinco anos (Hatoum, 2010, p. 187-190), é evidente o tratamento preconceituoso de Trajano em relação às crianças locais, que não faziam parte de famílias de nome, ao serem referidas como “selvagens”. Visão que Jano já sustentava também em relação aos indígenas, sua indignação com o local de enterro do velho “Nilo” o conduz a adjetivar os moradores como “brutos” e “ingratos”, adeptos de uma fé vazia que “não está em lugar nenhum”. Indiferentes ao “esforço” e “dedicação” do seu empreendimento (Hatoum, 2010, p. 55-56).

A pressão de Jano sobre Mundo também aparece na rejeição constante do seu trabalho artístico – “é só isso que ele sabe fazer?”, indaga a personagem do pai no relato de Ranulfo. Na carta também aparece o episódio da fuga de Mundo do porão de sua casa, espaço de reclusão e criação, ao qual foi, de certa forma, enclausurado pelo pai. Vera Cecarello (2012), em seu artigo *Aspectos da ditadura militar presentes nos romances Dois irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum*, interpreta esse episódio do porão como simbólico de dois polos da repressão na época da ditadura militar. Evocando espaços de tortura e repressão típicos dos momentos mais agudos da ditadura, Jano representaria o poder constituído e Mundo estaria em paralelo com os revoltosos contra o regime. A Vila Amazônia, representação do ímpeto mercantil de Jano, se mostra em consonância com o projeto político-econômico da época, marcada por acordos escusos e pela exploração do trabalho de imigrantes e indígenas (Hatoum, 2010).

Trajano Mattoso, portanto, opera dentro da lógica de apropriação e violência do campo dominante. Sua postura e racionalidade são legatárias do pensamento colonial, estabelecidas nas origens da personagem, de ascendência portuguesa e abastada, proprietária de terras. É um homem pragmático, articulando em sua prática cotidiana o exercício entrelaçado das monoculturas do saber, do tempo linear e da naturalização das

diferenças. Na rejeição ao filho, sobretudo seus impulsos artísticos, e às personagens fora do seu círculo familiar/profissional mais imediato transparece uma perspectiva utilitária. A vida reificada de Jano é resultado de um modo de pensar que põe o valor comercial como determinante. Essa rejeição, dados os segmentos sociais em que está direcionada, sobretudo os indígenas e trabalhadores locais, é marca de uma racionalidade que opera a partir de um modelo de hierarquização de diferenças (étnicas e sociais) que servem a um fim de exploração, de negação de existências em favor da predominância de uma lógica de razão produtivista. A insistência na negação do filho como indivíduo, olhando-o apenas como possível herdeiro é aspecto de um pensamento pautado em uma linearidade artificial da relação pai/filho entrelaçada com noções de legado, poder, progresso e sucessão.

É significativo que Mundo apenas demonstre genuíno interesse e conexão com esse outro campo da narrativa, dos trabalhadores urbanos e rurais explorados, dos indígenas e imigrantes. Essa crise de identidade entre os dois, pai e filho, acaba selando a fragmentação da relação desde os primeiros momentos na narrativa: “O filho acredita que o pai só planeja ações para atrapalhar ou limitar sua vida; o pai vê nas atitudes do filho unicamente formas de manifestar a revolta contra os desígnios paternos.” (Perdigão, 2015, p. 96). A relação entre Trajano e Raimundo ecoa as marcas do momento histórico vivido por Manaus durante o regime militar, uma cisão de proposições de mundo marcada por momentos de violência, autoritarismo e repressão.

O Coronel Zanda incorpora algumas daquelas lógicas quando reforçamos a sua intrínseca relação com o projeto militar na região. Um que, de acordo com Chiavenato (2004), estava predicado em interesses de expansão típicos daquele paradigma de racionalidade: expansão econômica, ocupação de territórios naturais, rearranjos geopolíticos às custas dos interesses locais e afins. A presença e influência de Zanda são instrumentos repressivos que perseguem Mundo durante toda narrativa, das punições no colégio militar por insubordinação até as prisões quando adulto no Rio de Janeiro. Seu envolvimento com a repressão e tortura na perseguição de grupos guerrilheiros reforçam seu caráter de linha dura, típico dos oficiais mais violentos da ditadura. No mesmo momento do texto encontramos outra caracterização importante, seu longo histórico de comando nas instituições militares do Amazonas e sua ambição de controle em se tornar “um Deus fardado” (Hatoum, 2010, p. 95).

Sophia Beal (2017), investigando os espaços urbanos na obra de Milton Hatoum, estabelece paralelos entre as transformações na cidade flutuante, durante o governo de Arthur César Ferreira Reis, em 1965, e as habitações do Novo Eldorado, projeto máximo de Zanda, na Manaus de Hatoum. Aspectos como o deslocamento forçado, violência destrutiva da região, condições sub-humanas de vida reaparecem na narrativa:

Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo... Queriam voltar para perto do rio.



Alguns haviam trazido canoas, remos, malhadeiras, arpões; a cozinha, um cubículo quente; por isso, levavam o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam a comida ali mesmo. Ele dormira na casa da família do Cará. O sol da tarde esquentava as paredes, o quarto era um forno, pior que o dormitório do internato. Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade. (...) “Sei que esse bairro é um crime urbano”, disse Arana. “Mas é a primeira grande obra do Zanda, o ídolo do teu pai. Foi nomeado prefeito e quer mostrar serviço. (Hatoum, 2010, p. 109).

O Coronel Zanda e o seu projeto portam, ademais, em sua representação, as lógicas de racionalidade metonímica, inseridos em um campo político-intelectual que, na dinâmica abissal reproduzida na obra, confere com o lado dominante. Também operando na mesma dinâmica de apropriação/violência, o projeto de poder a que o militar se reporta é fundamentalmente predicado na lógica da escala dominante. O projeto militar na Amazônia, como já posto, era fundamentado por noções de “civilização”, principalmente de universalização de um caminho supostamente civilizatório. Se tratava da totalização de uma forma de racionalidade às custas das particularidades locais. A destrutividade dessa lógica fica clara quando evidenciada a presença da monocultura do pensamento linear e da naturalização das diferenças. Encapsulados no Novo Eldorado, observamos como ele constitui um projeto de urbanização fundamentado em ideais de progresso e desenvolvimento e feito às custas do valor humano nas condições impostas aos moradores forçosamente deslocados.

No trecho supracitado relativo ao projeto do Novo Eldorado se interrelacionam a perda de identidade na distância do rio, simbolicamente ligado ao espaço natural, com a crueldade das condições de vida urbana, concretizadas nas descrições com termos como “calor”, “aprisionamento” e “crime urbano”. É relevante como essas condições só se tornam evidente ao poder instituído a partir do trabalho artístico de Mundo em sua obra “Campo de cruces”, algo que reforça uma hierarquia social de valor, onde os trabalhadores e moradores locais daquela região eram silenciados. A obra de oitenta cruces crestadas para cada casa e da seringueira queimada no descampado central contempla a sua negação e revolta. Dela restou o seguinte cenário: “Cruces de madeira crestadas cobriam um descampado; o tronco da seringueira fora abatido, as raízes arrancadas; galhos secos espetados em trapos queimados pareciam carcaças carbonizadas” (Hatoum, 2010, p. 132). A visão entristecedora das ruínas da obra ecoava o ímpeto destrutivo que jazia detrás do Novo Eldorado. Também é através do amigo de Mundo, Cará, residente da área, que encontramos a dimensão humana do desastre de Eldorado e da brutalidade do período histórico.

De tal sorte que é através do impulso artístico rechaçado por Jano que Mundo desvela o campo dominante de poder que o convida e que ele nega. A sua “arte possível” (Pinto, 2024, p. 116) é aquela que confronta o impasse político e social que o permeia. Ainda que o faça “embriagado pela relação complexa e difícil com o passado e, talvez, por algum desejo difuso e impreciso de futuro” (Pinto, 2024, p. 113).

Enfim, a obra de Milton Hatoum, especificamente aquela arquitetada na poética de



seus primeiros romances, trabalha com um conjunto de memórias individuais e coletivas que ressoam nas experiências de um microcosmo de núcleos familiares as transformações de Manaus e do Amazonas no século XX. As resgata, perpassado por um olhar melancólico, intervindo nas ruínas do presente com fragmentos do passado na tentativa de ressignificar ambos. Em seu terceiro romance, *Cinzas do Norte*, a reconstituição de um tempo de cinzas na construção da identidade e revolta do artista Raimundo Mattoso contra as figuras do seu pai, Trajano, e do oficial militar Coronel Zanda, é a matéria-prima desse resgate memorialista hatouniano. Especialmente quando desvela a existência do campo dominante de poder legatário de um projeto de desenvolvimento conectado a uma forma específica de racionalidade.

A partir dos conceitos de Pensamento Abissal e Razão Metonímica, desdobrados na discussão da dinâmica da apropriação/violência e suas lógicas de produção da não existência, estabelecemos uma abordagem crítica a essa forma de racionalidade que caracterizou o espaço tardo-moderno na Manaus do regime militar na obra de Hatoum. Observando melhor a dinâmica presente no terceiro romance do autor amazonense demonstramos a segmentação desse espaço político, cultural e econômico em dois campos opostos de poder. Nos detivemos no campo dominante e observamos como a construção de duas personagens, Trajano Mattoso e Coronel Zanda, incorporam traços dessa racionalidade nas suas construções como personagens e suas ambições dentro da narrativa. Características que só puderam ser desveladas através dos movimentos de Raimundo Mattoso dentro da estrutura e do tema geral da obra. Concluimos, então, que Milton Hatoum comunica em seu romance *Cinzas do Norte* uma crítica ao modelo de razão dominante que no tardar do século XX já expunha tensões irreconciliáveis entre visões de mundo na cidade de Manaus e da Amazônia.

## Referências

ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 28. p. 125-140, 2006.

BEAL, Sophia. Espaços movediços e conflitantes na Manaus de Milton Hatoum. **Teresa**, São Paulo, n. 17, p. 71-86, 2017.

CAVALHEIRO, Juciane. Panorama e síntese-metodológica de fortuna crítica das obras de Milton Hatoum. In: CAVALHEIRO, Juciane; LEÃO, Allison; JÚNIOR, Augusto Rodrigues da Silva. **Memória, alteridade, performance**: narrativas e poéticas da e sobre a Amazônia. Manaus: Segunda Oficina, 2023, p. 46-62.

CECARELLO, Vera Helena Picolo. Aspectos da ditadura militar presentes nos romances Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, Dossiê n. 7, p. 183-201, 2012.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004.



GAMA, Mônica; GONÇALVES, Dayane de Oliveira. Milton Hatoum e a ficção brasileira contemporânea. **Revista Raído**, Dourados, v. 14, n. 34, p. 77-88, jan./abr. 2020.

GONÇALVES, Dayane de Oliveira. **Traços Poéticos da ficção de Milton Hatoum em Relato de um Certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HATOUM, Milton. Cinzas que queimam. [Entrevista concedida a] Julian Fúks. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200507.htm>. Acesso em: 10 set. 2023.

HATOUM, Milton. A dois passos do deserto: Visões urbanas de Euclides na Amazônia. **Teresa**, São Paulo, n. 1, p. 183-194, 2000.

LEAL, Bruno Avelino. **Nas trilhas de Milton Hatoum**: Um breve estudo de uma trajetória intelectual. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

MARINHO, Ellen Soares. **O pensamento de Boaventura de Sousa Santos**: Uma aproximação crítica. 2019. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MARTINS, Iracema Ramos. **A representação metafórica das relações sociais em Cinzas do Norte, de Milton Hatoum**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

PERDIGÃO, Noemi Henriqueta Brandão de. **Pais, Patriarcas, Algozes, Amigos**: A paternidade em Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PINTO, Júlio Pimentel. **Sobre Literatura e História**: Como a ficção constrói a experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, 2002a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 78, p. 3-46, 2007.

SISMONDINI, Alberto. **Arabia Brasilica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.



## NOTAS DE AUTORIA

**Guilherme Pires de Souza** (gpds.mla23@uea.edu.br) é graduado do curso de Letras – Licenciatura da Universidade do Estado do Amazonas. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA) da Universidade do Estado do Amazonas (Bolsista FAPEAM).

**Juciane dos Santos Cavalheiro** (jcavalheiro@uea.edu.br) é Professora Titular da Universidade do Estado do Amazonas. Doutora em Linguística (2009) pela Universidade Federal da Paraíba, com Pós-Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2020), Mestre em Linguística Aplicada (2005) e Graduada em Letras (2003) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Docente no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes na Universidade do Estado do Amazonas.

**Márcio Leonel Farias Reis Páscoa** (mpascoa@uea.edu.br) é Professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas. Doutor em Ciências Musicais Históricas pela Universidade de Coimbra (2003), com Pós-Doutorado pela UNICAMP (2020), fez Mestrado em Artes no Instituto de Artes da UNESP (1996). Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes e no Curso de Música da UEA, onde coordena o Laboratório de Musicologia e História Cultural. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq, Nível II.

### Agradecimentos

Não se aplica.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SOUZA, Guilherme Pires de; CAVALHEIRO, Juciane dos Santos; PÁSCOA, Márcio Leonel Farias Reis. Representações do pensamento abissal em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-15, 2025.

### Contribuição de autoria

Guilherme Pires de Souza: Concepção da ideia do artigo, análise e interpretação da obra, redação e revisão do texto e discussão dos resultados.

Juciane dos Santos Cavalheiro: Redação e revisão do texto e da discussão dos resultados.

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa: Concepção da ideia do artigo, análise e interpretação da obra.

### Financiamento

Um dos autores do artigo (Guilherme Pires de Souza) é mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes (PPGLA) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) contemplado com uma bolsa de auxílio à pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) como estabelecido na Resolução nº 001/2024-CD/FAPEAM.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

**Licença de uso:** Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.



**Histórico**

Recebido em: 18/03/2024

Revisões requeridas em: 11/11/2024

Aprovado em: 13/01/2025

Publicado em: 24/01/2025

